

ARTE, INTERDISCIPLINARIDADE E INFÂNCIA: PROCESSOS PEDAGÓGICOS NA TURMA M2B

PAULO VICTOR BRITO DA SILVA¹; DÂMARIS SILVEIRA DOMINGUES²;
SUSANA PACHECO³; ALICE BRAZ ITURRIET⁴

FLÁVIA MARCHI NASCIMENTO⁵:

¹Universidade Federal de Pelotas – paulopv09@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – damarisdomingues8@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – nik.pacheco@hotmail.com

⁴Prefeitura Municipal de Pelotas – profedancalice@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – flavia.marchi@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este relato de experiência apresenta as vivências desenvolvidas no âmbito do subprojeto interdisciplinar entre Dança e Música (CAPES/UFPEL), realizado através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Municipal De Educação Infantil Professor Mário Osório Magalhães, em Pelotas/RS. O projeto teve como principal objetivo articular práticas pedagógicas interdisciplinares, utilizando recursos tecnológicos e audiovisuais para potencializar a produção e apreciação artística junto às turmas de Maternal II.

A EMEI Professor Mário Osório Magalhães fundamenta seu Projeto Político-Pedagógico na promoção do conhecimento de si e do mundo, estimulando a ampliação de experiências sensoriais, expressivas e corporais entre as crianças. A instituição adota uma abordagem centrada no bem-estar infantil, integrando educação e cuidado, e garantindo a cada criança a possibilidade de ampla movimentação, liberdade de expressão e respeito aos ritmos e individualidades infantis.

A relevância da proposta desenvolvida pelo PIBID junto à escola está na articulação entre arte, tecnologia e práticas pedagógicas inclusivas, alinhadas ao PPP da escola, que buscam ampliar as formas de expressão e aprendizagem das crianças, estimular a criatividade e valorizar os saberes culturais presentes no cotidiano escolar. O exercício da interdisciplinaridade, nesse projeto, busca a criação de um espaço comum no qual as áreas vão além da justaposição de disciplinas, dialogando e integrando-se, explorando novos sentidos e soluções para questões complexas (POMBO, 2005). Sendo entendida como um processo de construção coletiva, em que Dança e Música interagem, possibilitando práticas que promovem o protagonismo das crianças, bem como a inclusão, a diversidade e a inovação pedagógica.

A presença da arte no contexto escolar, sobretudo na educação infantil, atua como uma experiência sensível que atravessa o cotidiano e amplia as formas de estar e perceber o mundo. Para além de técnicas ou produtos acabados, constitui-se como processo de escuta, criação e partilha (ALMEIDA, 2016). Assim, ao integrar arte e tecnologia, ampliam-se as possibilidades de experimentação estética e de expressão das infâncias, desde que respeitados seus tempos, interesses e modos próprios de se relacionar com o mundo.

A presença das tecnologias no ambiente escolar, como aponta KENSKI (2012), exige do educador não apenas domínio técnico, mas abertura para ressignificar suas práticas. A proposta aqui relatada, portanto, se insere nessa

perspectiva ao explorar o cruzamento entre arte, tecnologia e infância como um campo fértil para experiências educativas significativas.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O planejamento da proposta e das intervenções foi sustentado por estudos prévios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Documento Orientador Municipal (DOM), especialmente no que se refere aos direitos de aprendizagem e às especificidades da faixa etária atendida. Apesar disso, a entrada do grupo na turma M2B não se deu a partir de escolhas metodológicas previamente estabelecidas, mas sim por um processo de descoberta gradual diante do contexto real da sala.

Nas primeiras semanas, o grupo de bolsistas assumiu uma postura predominantemente observadora, acompanhando as atividades já em curso e buscando compreender, na prática, como se davam as rotinas, interações e os modos como as crianças ocupavam e transformavam tanto a sala quanto os demais espaços da escola. A partir do contato direto com as crianças, aos poucos, foram sendo identificados rituais cotidianos, dinâmicas de grupo e possibilidades reais de atuação docente, sempre ajustando as propostas ao que fazia sentido para aquela turma.

Entre os rituais que se tornaram referência nesse processo de adaptação está a “chamada cantante”: Realizada no início de cada encontro, ela consiste em reunir o grupo em roda e chamar, um a um, o nome das crianças de forma cantada. Essa prática, conduzida pelos bolsistas, não tinha como objetivo apenas verificar presenças, mas marcar simbolicamente o início das atividades, organizando o grupo e oferecendo um momento de escuta e acolhimento. Nela não há obrigatoriedade de resposta. Algumas crianças diziam “presente”, outras apenas acenavam ou permaneciam em silêncio. Ainda assim, a repetição da atividade cria um marco de início das propostas e favorece o reconhecimento individual dentro do coletivo, contribuindo para a construção de vínculos e para a organização do grupo no espaço.

A partir desse ponto, o grupo começou a explorar o uso de materiais diversos, sempre com atenção ao tempo de permanência das crianças, ao interesse demonstrado por elas e aos sinais de cansaço ou dispersão. As fitas de cetim foram os primeiros materiais utilizados, oferecidas como um convite ao movimento livre. A proposta inicial era incentivar a exploração dos movimentos das fitas no ar, em sintonia com a música ambiente ou de acordo com a vontade de cada criança. Algumas balançavam as fitas com os braços estendidos, outras rodopiavam ou apenas caminhavam pela sala, enquanto algumas preferiam segurar o material de forma mais contida.

Ao longo das interações, a atividade foi adaptada com base nas próprias ações das crianças. Observando o desejo delas de interagir com os bolsistas, criou-se uma nova forma de brincar: as crianças seguravam uma ponta da fita, os professores outra, e puxavam até que os professores “caíssem” no chão. A brincadeira de força gerou grande entusiasmo e ampliou o envolvimento do grupo, mostrando como a escuta das iniciativas infantis pode transformar uma proposta simples em uma experiência mais potente e compartilhada.

Na sequência, foram introduzidos os balões como forma de trabalhar deslocamento e coordenação. Cada criança recebeu um balão e a proposta era mantê-lo no ar, seja caminhando, batendo levemente ou jogando para cima. O grupo se envolveu com bastante energia no início, correndo pela sala e tentando

manter os balões no ar. No entanto, conforme o tempo passava, surgiram disputas e sinais de cansaço, e a atividade foi naturalmente encerrada, sem imposições, com a mediação cuidadosa dos bolsistas.

Por fim, alguns instrumentos como chocalhos, tamborins e outros também foram utilizados como recurso para explorar sons e ritmos. As crianças puderam experimentá-los livremente ou acompanhar pequenos ritmos propostos pelos bolsistas. Algumas se mostravam dispostas a imitar os movimentos, outras preferiam criar sons espontaneamente, sem seguir um ritmo coletivo. A condução respeitava esses diferentes modos de participação, sem forçar adesão, mantendo o foco na escuta sensível do grupo.

Essas experiências demonstraram a importância de uma escuta atenta e de um olhar sensível para o cotidiano da turma como elementos centrais na construção das propostas pedagógicas. Mais do que seguir planejamentos fixos ou conteúdos pré-estabelecidos, o trabalho se desenvolveu em diálogo direto com o contexto vivido, com as crianças e suas expressões. Valorizando-as quanto sujeitos e protagonistas de seus conhecimentos e experiências (ALMEIDA, 2016).

Nesse contexto, a fundamentação metodológica se apoia na perspectiva da Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA), tendo como referência o método da *a/r/tografia*, compreendido como um caminho que articula os papéis de artista, pesquisador e professor (*artist/researcher/teacher*). Conforme define DIAS (2013, p. 25), o termo é uma metáfora que “[...] trabalha com os movimentos do artista, do pesquisador e do professor, e considera as representações artísticas e textuais”.

Essa abordagem metodológica valoriza o processo artístico como uma forma de pesquisa viva, na qual a produção artística é um modo de produzir conhecimento. Além disso, entende o fazer pedagógico como prática situada e fluida, permitindo que os sentidos da docência surjam da experiência vivida com o grupo, em constante negociação e reinvenção. Como aponta MAÇANEIRO (2013), mesmo com planos já estabelecidos, é preciso estar disponível para ressignificar a prática conforme os sentidos que emergem no encontro.

No mesmo sentido, NEITZEL; STEIL; FRANCEZ (2022) afirmam que a *a/r/tografia* exige registros atentos, análise processual e disponibilidade para transformar os percursos, reconhecendo o valor do erro, da surpresa e da autoria partilhada. ALMEIDA (2016) também destaca que as modificações de cronograma e planos de aula, quando fundamentadas na escuta das crianças, são expressões de uma docência reflexiva, que transita entre a ação, a reflexão e a ação novamente, tornando os pequenos ativos no processo de aprendizagem.

Desse modo, a proposta metodológica do projeto não se limitou a aplicar técnicas previamente definidas, mas buscou compreender a docência como prática sensível e situada, aberta à escuta e à participação ativa das crianças como co-autoras das experiências pedagógicas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos principais desafios enfrentados foi justamente a integração entre as linguagens da dança e da música em propostas coerentes com as características da infância. Essa integração exigiu que os bolsistas desenvolvessem um olhar atento ao tempo da criança, reconhecendo os limites das atividades e reconfigurando o planejamento de forma contínua. A perspectiva interdisciplinar não significa apenas somar conteúdos das duas áreas, mas criar

experiências em que o corpo, o som, o movimento e o gesto dialoguem com liberdade, presença e sentido para o coletivo.

A experiência reforça a importância de abordagens interdisciplinares que integrem arte e educação como práticas de cuidado e escuta entre todos os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a inserção dos bolsistas no cotidiano da escola pública está proporcionando vivências que reafirmam a docência como prática construída em diálogo constante com a realidade do grupo e suas singularidades.

Como desdobramento, reconhece-se a relevância de aprofundar investigações sobre metodologias artísticas aplicadas à Educação Infantil, em especial aquelas que valorizem o protagonismo infantil e as culturas da infância. Sugere-se ainda a ampliação de estratégias de documentação sensível que favoreçam a reflexão durante a prática e promovam o diálogo entre universidade e escola como vias de formação mútua.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. S. **Que dança é essa? Uma proposta para a educação infantil**. São Paulo: Summus, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CALDAS, F. R.; HOLZER, D. C.; POPI, J. A. A interdisciplinaridade em arte – desafios em sala de aula. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 160-171, 2017.

DIAS, B. A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução. In: DIAS, B.; IRWIN, R. L. (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 21-26.

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSOR MÁRIO OSÓRIO MAGALHÃES. **Projeto Político-Pedagógico**. Pelotas: EMEI PMOM, 2022.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MAÇANEIRO, S. M. **De como cadeiras se movem: escrevendo meu movimento, movimentando minha escrita, uma experiência a/r/tográfica em dança**. 2013. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

NEITZEL, A. de A.; STEIL, I.; FRANCEZ, L. Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, v. 52, n. 52, 2022. DOI: <https://doi.org/10.19179/rdf.v52i52.1097>.

POMBO, Olga. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 3-15, mar. 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTO DE PELOTAS. **Documento orientador municipal: referencial curricular da Rede Municipal de Ensino de Pelotas**. Pelotas: SMED, 2020.